

## DEBATE PÚBLICO, REALIZADO EM 19 DE MAIO DE 2007.

Presidência do Sr. Vereador Prof. Célio Lupparelli.

Às nove horas, no Country Clube de Jacarepaguá, sob a Presidência do Sr. Vereador Prof. Célio Lupparelli, tem início o Debate Público “PARA DISCUTIR A IMPORTÂNCIA DO PLANO DIRETOR DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.”

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) - Pelo menos de três em três meses, se assim vocês considerarem, vamos tentar nos reunir para discutir o bairro. Acho que esse é um papel de cidadania nosso.

Eu queria dizer que a imprensa fez ontem uma abertura interessante, já que nosso bairro geralmente não é comentado - os que são comentados são Leblon, Ipanema, Copacabana, Barra da Tijuca. Está aqui, na página 9 do jornal Extra, mas saiu em todos os jornais ontem, no Informe da Câmara, o seguinte trecho, que eu gostaria de ler.

(LENDO)

Jacarepaguá debate o Plano Diretor - o Vereador Prof. Célio Lupparelli, do DEM, promove neste sábado, na Praça Seca, um Debate Público para discutir a importância do Plano Diretor da Cidade e como ele pode ser usado enquanto instrumento de Política Urbana. Das 9 às 13 horas, no Country Clube de Jacarepaguá, Lupparelli vai discutir com a população os projetos urbanos para a região e promover dinâmicas de grupo sobre os principais temas do Plano - meio ambiente, transportes, habitação, saneamento, saúde, educação e desenvolvimento econômico. O Rio Cidade Freguesia, o Rio Cidade Praça Seca e Taquara, além do PEU Taquara e do PEU Praça Seca, também estarão na pauta. Os participantes serão divididos em grupos, por temas de discussão, e todas as propostas serão encaminhadas à Comissão do Plano Diretor na Câmara Municipal.

(INTERROMPENDO A LEITURA)

Isso saiu, portanto, no Informe da Câmara, em todos os jornais de grande tiragem. Nosso bairro tem algumas características, que eu queria lembrar aqui. É um bairro que tem perfil industrial, se levarmos em conta um pedaço da Taquara, Curicica, Camorim tem perfil industrial, e é um bairro que tem aspecto residencial forte, um adensamento forte se falarmos do Centro da Taquara, Freguesia, Pechincha, Praça Seca, Valqueire. É um bairro que ainda tem grandes áreas de preservação ambiental no que tange às encostas - nossas matas e florestas, rios e lagoas têm que ser discutidos e recuperados. É um bairro que tem uma forte história e um forte patrimônio cultural. A história do Rio de Janeiro tem um bom pedaço na história de Jacarepaguá, e vice-versa. Então, realcei algumas coisas, mas esqueci e, depois, vocês, na hora do Debate, por favor as levantem. A Colônia Juliano Moreira tem um forte equipamento cultural, inclusive o Museu do Bispo Rosário; a Igreja da Pena, para onde

estamos conseguindo junto ao Prefeito, agora, um plano inclinado, como vocês já tiveram a oportunidade de ver no jornal; a Igreja N. S. do Loreto e, depois, eu posso dar a palavra para outras igrejas - N. S. do Amarante, e quais outras? São Gonçalo do Amarante, e qual é a outra? Nossa Senhora Monteserrat, que é muito forte na nossa história; o nosso Cine Baronesa; a casa do nosso Cândido Benício, que infelizmente, está depredada. Enfim, a residência da baronesa e outros tantos que estamos aqui omitindo, mas é só para vocês sentirem como há um forte comprometimento com a preservação do nosso patrimônio cultural. Então, é um bairro com um potencial de crescimento muito forte do ponto de vista econômico, e que precisa ser discutido a cada três meses. Acho que dá tempo perfeitamente para a gente estar levantando, resgatando essa questão da nossa história.

Ontem, na reunião da Associação Comercial, discutindo a questão da Semana de Jacarepaguá, foi levantado o problema da tentativa de alguns políticos, e até do Poder Executivo, de fracionar Jacarepaguá, e nós nos levantamos contra isso. Todo mundo é a favor de que Jacarepaguá seja um só. Vocês vão ver, aí, no mapa, e não vão brigar conosco, porque estamos trazendo dados técnicos - aqui, por exemplo, fala-se em “bairro da Freguesia, bairro da Praça Seca e bairro de Jacarepaguá”, como se Praça Seca e Freguesia não fossem Jacarepaguá. Isso é perigoso porque, no momento em que você quebra, você faz com que cada pedaço tenha menos força. Quando isso tudo está unido existe mais força para se reivindicar. Eu não quero induzir ninguém a nada, mas é meu papel como parlamentar dizer que temos que ter uma forte pressão quanto a esse fracionamento, o bairro é um. Que sejam sub-bairros, mas a política aqui é uma só e, apesar dessas características, o que acontecer na Praça Seca, aqui na Cândido Benício, vai refletir em toda Jacarepaguá. Uma obra feita, por exemplo, no Tanque atrapalha a vida de todos nós, o Tanque não é fora de Jacarepaguá. Então, o que quero dizer é que é importante que a gente mantenha essa unidade histórica, geográfica e política para termos os ganhos administrativos e sociais que a nossa população exige e merece.

Eu queria agradecer a presença dos senhores, e dizer que o número já está maior, quase igual à maior Audiência Pública que tivemos na Câmara. Não fiquem pensando que é pouca gente não, pois lá na Câmara, juntando todo o Rio de Janeiro, acho que só teve uma maior. Qual foi? Ah, mas aí foi covardia. Eu faço até parte da Comissão, que tratava da criação do Adolescente. A Presidente da nossa Comissão, com muita sabedoria, convocou uma escola - os professores suspenderam as aulas, e foi a escola inteira para lá. Realmente, foi apenas um segmento. Eu valorizei, elogiei, porque têm jovens participando, mas, na verdade, aquilo ali não é a realidade do Rio de Janeiro. Foi um segmento. Qual foi a escola? Do centro da cidade, da PUC. Mas, realmente, não significava uma pluralidade.

Aqui, a minha prima, subdiretora da Escola Adelino, no Ciep no mato Alto, perguntou se a minha filha pode ficar. Pelo amor de Deus! O jovem e a criança é que têm que estar aqui, eles é que têm que estar aqui para construir um Jacarepaguá cada vez mais forte, e com uma maior participação da cidadania.

Vamos marcar, se possível hoje ainda, se vocês aprovarem, uma reunião para daqui a três meses. Se possível, trazendo o Secretário, enfim, qualquer coisa que vocês reivindicarem, conforme a pauta.

Eu coloquei, de início, para motivação, oito temas que vocês podem também colocar ali, além da discussão em grupos. Ali também podem ser colocadas reivindicações para a gente listar. Vocês não tenham dúvida.

Quarta-feira, tenho uma Audiência com o Prefeito, que me deu 40 minutos. É uma Audiência boa, para levar tudo o que vocês reclamarem que for do âmbito do Executivo imediatamente. O que for do Plano Diretor, a gente vai levar para votação. Aí, o Prefeito não pode atuar antes da votação na Câmara.

Então, muito obrigado! É para que esta seja uma reunião produtiva, e não mais uma simples reunião.

Embora eu não possa disfarçar, e não tenha vergonha de ser Vereador - quem me conhece sabe -, eu não dou o tom político eleitoral a isso até porque, estamos muito longe das eleições, não sei se vou viver até lá, se todos nós vamos viver. Então, a gente tem que, primeiro, pensar que esta é uma reunião técnica, a princípio, para a gente discutir o bairro do ponto de vista técnico. A política também está envolvida, mas não estou aqui fazendo campanha. Não tenho nenhuma vergonha de dizer que serei candidato. Claro! Seria hipocrisia dizer o contrário, mas ela não é a conotação básica.

Muito obrigado!

Eu queria convidar a nossa Dra. Eliana e nosso grande orador, que tem uma história no bairro - o avô dele foi Vereador e o pai foi Deputado. O avô foi dono de uma clínica importante, Dr. Sidney Menezes. Vocês conhecem Sidney Menezes, uma figura histórica no bairro.

Uma salva de palmas, por favor.

(PALMAS)

Nós estamos - só para passar a palavra definitivamente, porque falo demais ... - há dois meses debruçados sobre todos os sistemas. Nós não faltamos a uma Audiência Pública e podemos dizer que a nossa frequência foi de 100% - o único Vereador que teve presença de 100%. E sempre assessorado pelos dois parceiros, que conhecem bem o tema, até mais do que eu. Eu sou apenas professor emérito, eles sabem tudo!

Então, muito obrigado!

A SRA. ELIANA JUNQUEIRA DE ANDRADE - Bom dia para todos! Nós vamos procurar aqui ajudar, primeiro, a situar Jacarepaguá no Rio de Janeiro, com a forma e administração da cidade, e também o Plano Diretor no que diz respeito a Jacarepaguá.

O Plano Diretor é sempre uma oportunidade de discutir os assuntos inerentes aos bairros, às localidades. Então, a gente não pode dispensar esta oportunidade de fazer a discussão.

Bom, no Rio de Janeiro, Jacarepaguá, como o Vereador Professor Célio Lupparelli colocou, está bem situado, bem ao centro do mapa da nossa cidade, dentro da Região Administrativa que envolve Jacarepaguá, Barra da Tijuca e Cidade de Deus, que é também uma Subprefeitura. O número de habitantes é de 682.000, pelo Censo de 2000. E Jacarepaguá, então, tem uma importância significativa, que corresponde a mais da metade do bairro.

Dentro dessa Subprefeitura, a área de Jacarepaguá com a Cidade de Deus inserida e a da Barra da Tijuca... Mas nós vamos tratar mesmo é de Jacarepaguá. Os dados gerais indicam, então, que Jacarepaguá é responsável por mais da metade dos domicílios, e mais da metade, ou seja, por 2/3 dos habitantes da região. E enfim, mostra a importância dos seus 10 bairros dentro dessa Subprefeitura.

Esse mapa é bastante interessante porque, embora a legenda seja bem pequenininha - eu vou traduzir -, ela mostra como em Jacarepaguá há uma concentração de conjuntos residenciais, de favelas, enfim, essa problemática. As bolinhas são favelas, conjuntos habitacionais. Como há uma grande concentração nessa área, esse é um assunto importante, que a gente precisa considerar.

Bom, dentro de Jacarepaguá estão considerados, como o Professor colocou aqui, Anil, Gardênia Azul, Curicica, Freguesia, Pechincha, Taquara, Tanque, Praça Seca e Vila Valqueire.

(Manifestação fora do microfone)

É interessante essa observação, porque acho que essa integridade do território é importante de ser mantida.

Os principais problemas detectados são a carência da estrutura urbana, estrutura entendida como saneamento, água, iluminação, poluição de lagoas e cursos de água. Quando há uma ocupação muito acelerada, e a infra-estrutura não corresponde a esse desenvolvimento da ocupação, acaba-se tendo o comprometimento de lagoas e dos cursos de água. Também a não-implantação de uma malha viária, projetada, que consiga reduzir os percursos em termos de horário, porque são muito longos, sendo necessária a integração de linhas que levem ao destino final, ao Centro da Cidade que está muito prejudicado. A Barra da Tijuca também tem uma participação grande nesse processo de transporte, com implicações. Os loteamentos irregulares e a favelização que aquele mapa anterior mostra, frisam a importância desse tema na área.

Qual a importância do Plano Diretor? Por que nós temos que discuti-lo? Porque ele é o instrumento básico da Política Urbana. Então, é através do Plano Diretor que todas as diretrizes dessas grandes políticas vão estar amarradas, e, por isso, a importância de estarmos discutindo isso aqui hoje. Ele integra o processo de planejamento da cidade, por isso esta discussão territorial, a discussão de como administrar e como monitorar essas ações ao longo do desenvolvimento delas. Além disso, todas as leis financeiras que se condicionam ao Plano Diretor, que é uma boa oportunidade de você amarrar o Orçamento - se você tiver previsto no Plano Diretor as diretrizes para aquela região, para aquele bairro, para aquelas políticas, depois, no Orçamento, você tem como fazer essa ligação.

O SR. PRESIDENTE (CÉLIO LUPPARELLI) - Eliana, desculpe, minha intervenção é para colaborar e para amarrar bem isso aí, para vocês entenderem a importância desse tema.

Eu estava discutindo com ela e com o Sidney, e, se não me engano, com o Sergio, e verificamos que no Plano Diretor encaminhado para a Câmara tem

muito pouca coisa de Jacarepaguá - isso significa que, se não estiver amarrado no Plano Diretor o que a gente quer, não vai haver Orçamento, e, não havendo Orçamento, não haverá obra. Depois que assumimos a administração regional de Jacarepaguá ninguém pode negar que algumas obras começaram, como, por exemplo, a Lona Cultural no Pechincha, a Vila Olímpica no Mato Alto, o asfaltamento da Quiririm. O Rio Cidade que está para sair, com a reforma da Praça Seca, com o Plano Inclinado. Mas essas foram iniciativas pontuais da nossa influência junto ao Prefeito, e não deve ser assim, tem que ser uma coisa que já esteja amarrada em documento, e não uma concessão que o Prefeito faça porque gosta do Prof. Célio Lupparelli. Não é assim, por acaso foi graças a Deus - eu vocalizei lá, e chegou. Mas tem que ser um interesse. Quem está conosco desde o início sabe que fazíamos reuniões no Centro Cultural, aqui na Rua Barão - o Prof. Cerqueira sabe disso -, onde começamos a levantar essas discussões, encaminhamos ao Prefeito, e elas estão acontecendo agora. Repito, Vila Olímpica, Lona Cultural, reforma da Praça Seca, mas não podem ser concessões porque o Prefeito é simpático ao Vereador Prof. Célio Lupparelli, não pode. Tem que ser uma coisa do povo, determinada já no Plano Diretor, porque foi discutido com o bairro, é isto que a gente quer, que vocês levem muito a sério o fato de levantar as questões, de fazer propostas. E, aí, eu quero já ajudar. Aquelas propostas que forem para asfaltar a rua, nós não vamos desprezar, mas não é essa a proposta. Eu vou aceitar e vou encaminhar ao Secretário Eider Dantas, dizendo que é preciso asfaltar a rua tal, e a gente vai ver, mas não é essa a proposta. A proposta é: quais as grandes obras que precisam ser colocadas no Plano Diretor, para saírem no Orçamento? O Prefeito não será mais este, porque, quando o Plano Diretor estiver em vigência, o Prefeito já vai estar no final do mandato, e o Orçamento já vai ter sido votado. Então, durante 10 anos, a gente terá Prefeitos que vão ter que cumprir o que determinarmos, seja que Prefeito for, seja de que Partido for. A obra já está contemplada no Plano Diretor, essa é a idéia. Precisamos recuperar a lagoa tal, o rio tal, a encosta tal? Precisamos, e isso é obra que precisa de grande investimento no Orçamento. O saneamento básico, a infra-estrutura da Rodrigues Caldas, que é uma vergonha - ela não parece uma estrada, parece uma viela, um caminho, não tem meio fio, não tem nada, na região da Boiúna. Enfim, essas coisas que demandam grandes investimentos, não é com conversa fiada que eu vou prometer e que eu vou resolver, tem que estar ali, no Plano Diretor, o que é feito, o que tem que ser feito. Transporte de massa? Tem que estar no Plano Diretor. Seja qual for o Prefeito, ele tem que cumprir aquilo que está determinado.

Desculpe a intromissão, mas é importante que a gente amadureça o que estamos discutindo.

A SRA. ELIANA JUNQUEIRA DE ANDRADE - Então, o Plano Diretor vai estabelecer os procedimentos para a gente conseguir implementar a ordenação do território. Nós vamos ver, mais adiante, como é entendida a Cidade do Rio de Janeiro, as áreas que precisam ser desenvolvidas e as que já estão sobrecarregadas; a aplicação de instrumentos legais e urbanos que foram novidades, que foram introduzidos na Legislação Federal, no Estatuto da Cidade, e que facilitam a ocupação de determinadas áreas, facilitam a

regularização fundiária de outras áreas ocupadas irregularmente, que podem ser regularizadas. Enfim, são instrumentos que induzem ao crescimento e à regularização da cidade, que é o nosso interesse; a promoção de Políticas Públicas Setoriais que envolvem todas as políticas sociais, e os programas que são prioritários.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) - Quando se fala em ordenação dos territórios, significa inibir a invasão indiscriminada nas beiras dos rios, das encostas, não é isso? É o que mais tem em Jacarepaguá, essa indisciplina na ocupação da terra, incentivada a gente sabe por quem - por alguns maldosos -, e reverter, agora, fica difícil. Então, a gente tem que disciplinar isso, agora, nesta discussão.

A SRA. ELIANA JUNQUEIRA DE ANDRADE - Na cidade, você separa aquelas áreas que têm uma vocação para crescimento, para industrialização, enfim, para a dinâmica de um comércio mais evoluído. E, também, as áreas que agora estão sendo chamadas de áreas de especial interesse social, onde você pode induzir a ocupação por famílias de mais baixa renda, que estão ocupando os nossos morros, as áreas de preservação ambiental, por falta de terem áreas apropriadas pra se instalarem. Esse disciplinamento também envolve a identificação desses vazios urbanos para a ocupação.

Quais são, então, as leis para mostrar a importância do Plano Diretor e dessas leis que estão diretamente vinculadas a ela? Tanto às leis urbanísticas, quanto às leis financeiras. Então, você tem a Lei do Parcelamento do Solo, que estabelece a organização: onde estão as vias públicas, onde estão os loteamentos, qual o tamanho dos lotes, o uso e a ocupação do solo, que tipo de atividades podem ser exercidas e em que locais, aquelas que não causam impacto e podem estar perto das residências, aquelas que já têm um impacto grande e têm que ficar em áreas especiais.

O Código de Posturas dá um disciplinamento para o comércio, para o serviço, para as placas, para as sinalizações. O Código de Obras e Edificações, quer dizer, as construções propriamente ditas; Legislação de Licenciamento e Fiscalização, o controle, então, do Poder Público sobre essas licenças de obras concedidas, sobre a realização dessas obras; e a Legislação para a instalação de equipamentos em áreas públicas, como escolas, postos de saúde, praças, etc, todas as leis financeiras e orçamentárias que vão apoiar diretamente o Plano Diretor naquilo que ele tiver contemplado.

E por quê rever esse Plano Diretor? Bom, o Plano Diretor - o nosso da Cidade do Rio de Janeiro - já é um Plano Decenal. A partir da instituição do Estatuto da Cidade, a Lei Maior Federal estabelece esse prazo. O Plano Diretor, daqui para frente, tem que ter um prazo máximo de 10 anos, porque, nesse período, as cidades evoluem muito, elas mudam muito de configuração. Então, por isso, é previsto que esses planos tenham no máximo 10 anos. Se for necessário, eles podem ser até revistos antes. Ao mesmo tempo, eles precisam se adequar, incluindo esses novos instrumentos - como falei anteriormente - que facilitam a

Administração Pública, na regularização dos imóveis e na edificação de novas construções, com parâmetros mais modernos de crescimento da cidade.

E também um outro item, que é esse que estamos aqui participando ao vivo, que é abertura do processo para a participação popular. Não se entende mais hoje em dia um plano técnico, um plano feito apenas pelos técnicos com base nas suas visões, e sim no retorno da população a respeito desses aspectos que são por eles vivenciados. Então, essas contribuições são muito importantes e têm que ser obrigatoriamente aproveitadas.

Quais são os principais temas abordados no Plano Diretor? Já falamos isso anteriormente: a Política Urbana, com o ordenamento do desenvolvimento territorial; as Políticas Públicas e Setoriais que estão todas articuladas no Plano Diretor - mais adiante veremos - e um sistema de planejamento que faça todo o acompanhamento, o monitoramento e a gestão desse Plano. Quer dizer: ele está sendo cumprido? Os orçamentos estão sendo direcionados para aquelas políticas: O Plano, no período de vigência, está atendendo? Algum aspecto precisa ser modificado? Enfim, tem um sistema de planejamento importante, que precisa estar estruturado em cima do Plano Diretor.

As Políticas Setoriais - que iremos discutir hoje - são as seguintes: meio ambiente, patrimônio cultural, habitação, turismo, transportes, saneamento, trabalho e renda, todo desenvolvimento econômico-financeiro, que é importante para Jacarepaguá. Como o Professor já falou, a questão industrial, enfim, e outros aspectos.

Dentro das Políticas Sociais: Educação, Cultura, Saúde, Segurança Urbana e Políticas de Assistência Social. Dentro do ordenamento territorial, eu coloquei que o Plano Diretor é responsável por esse ordenamento. E a cidade, então, foi dividida em quatro macrozonas na proposta desse Plano Diretor que estamos discutindo. É uma macrozona controlada que pega o Centro da Cidade, Zona Sul e Zona Norte, uma área que já tem serviços urbanos instalados há muito tempo, uma área que já está bem consolidada e que, enfim, qualquer ocupação tem que ser controlada por conta de já estar densamente ocupada e com a infra-estrutura sobrecarregada.

Temos uma grande área, que é a área incentivada...

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) - Eliana, desculpe-me interromper, só para o pessoal se situar. Quais são os bairros da região controlada?

A SRA. ELIANA JUNQUEIRA DE ANDRADE - Aqui da região controlada?

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) - Isso.

A SRA. ELIANA JUNQUEIRA DE ANDRADE - O próprio Centro da Cidade, toda Zona Sul, como Copacabana, Ipanema, Leblon, enfim; a Zona Norte da cidade também, como Ilha do Governador, São Cristóvão que são bairros consolidados, antigos da cidade e com uma infra-estrutura já bem - digamos assim - aproveitada no seu limite.

A Zona de Jacarepaguá, que está inserida, é dentro desse aro aqui, então, a maior parte dela está dentro dessa zona incentivada, que é uma zona que dispõe de alguma infra-estrutura boa e que pode ter um incentivo para sua ocupação.

Então, por isso a importância de Jacarepaguá estando dentro dessa área, quer dizer, você tem aí um vetor de direcionamento incentivado de crescimento. E uma parte pequena de Jacarepaguá estaria dentro dessa área condicionada, onde a infra-estrutura ainda não é tão boa e você precisa, você tem condicionante para essa ocupação e o Poder Público tem que ficar atento.

Então, a maior parte dos bairros de Jacarepaguá está inserida na macrozona incentivada. E na condicionada estão os bairros do Anil, Gardênia Azul e a parte sul do bairro de Jacarepaguá, que muitas vezes é confundido com Barra da Tijuca, que pega ali a Vila Pan-Americana e tal...

Nessa área aqui é que vamos depois nos aprofundar. E a zona assistida que pega a Zona Oeste, que é uma zona ainda de uma densidade menor, com menos infra-estrutura, menos preparada para esse crescimento. Então, o Poder Público vai ter uma preocupação maior com essa ocupação devido à situação em que a mesma se encontra.

Dentro da macrozona incentivada e da condicionada, nós vamos colocar o que tem no Plano Diretor, de diretriz, previsto. Que como o Professor falou, ainda é muito pouco e nós vamos ter que trabalhar bem isso, que são as diretrizes para essas áreas.

Dentro das diretrizes da macrozona incentivada, que é onde pega a maior parte dos nossos bairros, tem a prioridade para investimento na melhoria do ambiente urbano e das condições de ocupação.

A criação de áreas verdes e espaços destinados à recreação esporte e lazer e atividades culturais.

A requalificação urbana de áreas degradadas. Talvez fosse interessante a gente trabalhar que áreas são essas. Quais são as áreas que nesses 10 anos vão ter que ser priorizadas para requalificação urbana.

Promover a melhoria nas condições de mobilidade. Hoje em dia se entende mobilidade como acessibilidade, transporte, trânsito.

O transporte. O que precisa ser feito para que o transporte e o trânsito no bairro sejam melhorados. Porque, como diretriz, está vaga, mas depois nos projetos, a gente poderia detalhar melhor.

Rever a Legislação de Uso e Ocupação do Solo. As atividades que podem ou não podem em determinadas áreas.

Estimular a reconversão de prédios que estejam desocupados, que estejam degradados ou abandonados, para que venham a ter um uso produtivo para a cidade e para o bairro.

E como prioridades para essa região, para essa zona incentivada, seria dar uma prioridade para planos e projetos que estejam nesse corredor viário T5, que nós vamos apresentar mais adiante, que seria toda a Avenida Nelson Cardoso, Cândido Benício, até Campinho. Quer dizer, esse corredor T5, ele pega da Barra da Tijuca, vai até a Penha, atravessa todas as vias principais de Jacarepaguá, e também a Estrada dos Bandeirantes. Nesses eixos viários, seriam estimulados os projetos.

Também seriam estimulados os planos e projetos de obras em favelas e loteamentos irregulares, declaradas como áreas de especial interesse social, que

é essa providência de que falei, que são áreas próprias para ocupação, ou que já estejam ocupadas com regras mais viáveis para que essas populações continuem ali. Quer dizer, não seriam regras de ocupação tão rígidas quanto a gente tem para o resto da cidade. Poder-se-ia admitir uma proximidade maior das casas, enfim, uma realidade de ruas um pouco mais estreitas, para se viabilizar. E áreas de proteção ambiental.

Agora, dentro da macrozona condicionada, quais seriam as diretrizes? Promover a melhoria do ambiente urbano e a proteção do ambiente natural. Estabelecer planos e prioridades para implantação de um sistema viário e a melhoria das condições de mobilidade na Baixada de Jacarepaguá. Incentivar as atividades turísticas, desportivas e culturais; o ecoturismo; a educação ambiental; e também proteção da fauna e flora, dos recursos naturais. Estabelecer padrões de urbanização e contrapartidas, visando a qualidade do meio ambiente e a proteção ambiental, na implantação de empreendimentos de grande porte. Quer dizer, você ao negociar, na hora em que você vai implantar um empreendimento de grande porte, que seja de interesse... Mas qual é aquela contrapartida para a cidade? O que aqueles empreendedores podem fornecer para a cidade que justifiquem a implantação daquele grande empreendimento? O que a cidade está precisando ali?

Então, ficar atento para na hora desses grandes empreendimentos haver uma negociação, digamos assim, de troca; de benefícios sociais e de contrapartidas.

Os planos e projetos para essa zona condicionada, seria também o eixo viário que integra a Estrada dos Bandeirantes, o entorno dela, favelas e loteamentos irregulares e as áreas de proteção ambiental. Então, isso é o que o Plano Diretor estabelece, hoje. Apenas isso como diretrizes e projetos.

Agora, eu vou passar a palavra, aqui, para o Sidney que vai apresentar os projetos, propriamente ditos, que já foram pensados para o bairro e como potencializá-los agora.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Eu só queria lembrar que essa nossa Audiência está sendo gravada, vai para a Câmara Municipal e será publicada no Diário da Câmara. Não estava na nossa pauta, mas foi solicitado que se abrisse um tempinho, vamos supor cinco perguntas. E aí eu vou pedir para a pessoa, quando for fazer perguntas, para se identificar, dando nome, o sub-bairro, se representa uma entidade e que fizesse a pergunta bem objetiva sobre o tema colocado.

O SR. SIDNEY MENEZES – Bom-dia a todos.

Aqui é uma demonstração da questão estruturante do Bairro de Jacarepaguá, Freguesia, Pechincha, Tanque, Taquara, Praça Seca, Campinho – Praça Seca, direcionando também para Vila Valqueire. Isso só para a gente entender que esse é o principal eixo estruturante de Jacarepaguá. E nesse eixo estruturante de Jacarepaguá, você tem basicamente Cândido Benício e Geremário Dantas. Porque se nós resolvermos, sob o ponto de vista urbanístico, a questão da qualificação urbana de Geremário Dantas, basicamente, e de Cândido Benício, a gente consegue estimular vetores naturais para todo bairro, como a gente demonstrou ali no *slide* anterior.

E o que a gente chama de re-qualificação urbana? E o nosso Vereador e Professor Célio Lupporelli entendeu isso, desde o início, e assumiu essa bandeira no exercício de seu mandato. A re-qualificação urbana, no caso de Jacarepaguá, significa a garantia de realização de obras físicas e também a modernização e a atualização da Legislação Urbanística e da Legislação Edilícia que vamos explicar no próximo *slide*.

Aqui tem o exemplo do Rio Cidade de Freguesia. Quando falamos que as obras de intervenção física contribuem para re-qualificação urbana da região, o que nós estamos dizendo com isso? Se você fizer o Rio Cidade da Freguesia que está sendo realizado, somando ao Rio Cidade, já consolidado, que hoje tem até problemas, que é o Rio Cidade da Taquara. Somando ainda o Rio Cidade da nossa Praça Seca; e ainda, projetos menores, como o Urbe Cidade, do Largo do Pechincha, que foi realizado e Urbe Cidade, do Largo do Tanque, que precisa acontecer. Só com essas obras físicas, de intervenção física, você cria condições no bairro inteiro de recuperação de qualidade ambiental, urbana e qualidade de vida para a população, porque esses bairros se renovarão. Não pode acontecer o que aconteceu quando fizemos o Rio Cidade da Taquara e não fizemos mais nada, Vereador Professor Célio Lupporelli, durante décadas na nossa região. Hoje o Rio Cidade Taquara tem problemas. Agora, se a gente conseguir realizar essas outras obras fundamentais e estratégicas para a região de Jacarepaguá, criamos as condições de melhorar, de salvar e de re-qualificar o nosso bairro. Então, o Rio Cidade da Freguesia é esse exemplo.

O próximo, falamos do Pechincha, que já foi feita sua intervenção.

Mais um.

Rio Cidade Taquara, acabamos de falar nele, também.

O Tanque é fundamental. Porque se você tem Praça Seca com Projeto Rio Cidade, o Tanque com Projeto Rio Cidade, Pechincha com Projeto Rio Cidade, Freguesia e Taquara, os vetores naturais de crescimento, quer dizer, a Praça Seca aqui forçará, naturalmente, via Cândido Benício, encontrando lá com a Taquara pela Nelson Cardoso, encontrando aqui no Largo do Tanque, os vetores naturais. É o crescimento e a renovação urbana de lá para cá e daqui para lá. Então são obras estratégicas que a gente tem que lutar e é o que o Vereador Prof. Célio Lupporelli tem feito.

O Rio Cidade Praça Seca também já falamos aqui dele. É só para exemplificar a proposta antiga e a proposta nova.

E, antes de falar do T-5, não vi o slide do PEU, mas queria falar rapidamente do Projeto de Estruturação Urbana, porque eu pensei que estivesse antes do corredor.

Vou falar dele, então.

Nós dissemos o seguinte, vocês se lembram: Requerimento N°-qualificação Urbana é obra de um lado e Legislação moderna do outro. Já mostramos aqui as obras do Rio Cidade, que são obras que vão garantir a renovação do espaço urbano. Porque o comerciante investe na sua loja, ele moderniza sua loja, novo comércio se instala, os moradores também partem para uma melhoria de seus imóveis. Então, é comprovado em todo esse período do Prefeito Cesar Maia que o Projeto Rio Cidade deu certo – em todo Rio e aqui também vai dar. Agora, a parte da Legislação, eu queria falar com vocês rapidamente, antes de apresentar o T-5.

Helena, com muita propriedade, explicou o problema todo relacionado ao Plano Diretor. O Plano Diretor trata da Legislação da Cidade toda e ele diz lá que é possível a elaboração dos PEU's, que são Projetos de Estruturação Urbana que se destinam ao bairro. Então o PEU é um microplanejamento local. Se o Plano Diretor cuida da cidade toda, o tal PEU que tem esse nome e que tem o apelido – PEU – esse PEU trata da questão local do bairro. Na nossa região foi feito o PEU Taquara. Ele tem o nome PEU Taquara, mas na verdade é PEU Taquara, Freguesia, Tanque e Pechincha. E o que ele estabeleceu, a partir da Lei que foi votada pela Câmara e aprovada? O PEU Taquara passa a cuidar da rua; ele diz se aquela rua tem que ter comércio, se aquela rua pode ter casa de festa, se aquela rua pode ter indústria. Ele diz se naquela rua você pode construir um edifício de cinco, de 10 andares. Ele diz se naquela rua você tem que garantir a preservação de um bem tombado. Então, o PEU trata da questão local, pontual, de cada região. E aqui está faltando o PEU Praça Seca, porque o PEU Taquara já está resolvido. O PEU Praça Seca precisa resolver. E, até por iniciativa do Vereador Prof. Célio Lupporelli, foi apresentando um Projeto de Lei estabelecendo a elaboração do PEU Praça Seca. Esse PEU Praça Seca tem o nome PEU Praça Seca, mas na verdade é PEU Praça Seca e Vila Valqueire. Porque, com isso, toda essa região que nós estamos aqui, poderemos modernizar a Legislação e definir para cada rua, para a Baronesa, Dr. Bernardino, subindo para Campinho e para Vila Valqueire, o que pode ser feito em cada área dessas. Então, se nós fizermos, ao lado do PEU Taquara, que está pronto, o PEU Praça Seca, vamos resolver o problema da Legislação do nosso bairro. E, se fizermos todos esses “Rio Cidade”, vamos resolver certamente os problemas “estruturantes” da nossa região.

E, para finalizar, eu vou falar só do corredor T-5 e, depois, eu vou convidar o Vereador Prof. Célio Lupporelli para reassumir, porque os outros dois *slides* são dois presentes que ele preparou para a população de Jacarepaguá, e nada mais justo do que ele mesmo fazer a apresentação dos dois últimos *slides*. Mas vou falar rapidamente do corredor T-5, que nós vamos ter uma interferência, uma consequência enorme na nossa região de Jacarepaguá. A Eliana já falou, o corredor T-5 é uma via expressa daquele ônibus articulado, tem uma fotografia aqui do ônibus. É esse aqui. É um ônibus articulado, que vai sair da Avenida Alvorada, onde tem aquele terminal rodoviário, sobe pela Ayrton Senna, depois segue pela Bandeirantes, Nelson Cardoso, pega a Cândido Benício, Campinho e vai embora, Madureira e segue até a Penha. É um corredor expresso. Aquele ônibus vai fazer esse percurso da Alvorada até a Penha direto, não tem cruzamento, não tem absolutamente nada; é como se fosse um metrô de superfície, só que é um ônibus articulado, que as pessoas pegam na Alvorada e saem na Penha. Portanto, ele cruza o principal eixo de Jacarepaguá, vai ter uma interferência grande.

Esse projeto já está detalhado, é um projeto do Plano Municipal de Transportes, já elaborado pela Prefeitura, pelo Prefeito Cesar Maia. Ele está bastante avançado, deve acontecer. Só está faltando a equação financeira da obra. Ele vai ser feito pelas PPPs, parcerias público-privadas, e está dependendo da equação da obra para começar. Mas, vejam vocês, no nosso caso, nós aqui de Jacarepaguá, vem lá da Taquara, Tanque, Praça Seca e segue. Todo esse trecho da Cândido Benício e da Nelson Cardoso vai sofrer uma obra, uma

intervenção física, que precisa ser acompanhada de uma questão de Legislação para garantir a qualidade. E, realmente, se essa obra acontecer, vai ser uma obra fantástica, porque nós vamos resolver um sério problema, que é o problema de transporte de massa. Então, em linhas gerais, professor, são essas as apresentações que eu queria fazer. Eu devolvo a palavra a V.Exa.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Mas antes disso...

O SENHOR SINDEY – É, a proposta original do corredor T5, num primeiro momento – porque isso é um estudo de 10, 15 anos –, se pensou em fazer a parte de ônibus, como está aqui, que pára numas estações. A pessoa não fica no ponto chamando ônibus, fica na estação, paga seu bilhete, o ônibus pára, abre a porta, você entra e segue viagem. E num segundo momento, no mesmo leito, na mesma calha viária, seria implantado o VLT, veículo leve sobre trilho, que são os bondes encontrados em qualquer cidade do Primeiro Mundo. Mas esse projeto do VLT ainda não se viabilizou porque é caro. Então, ficou, de certo modo, em segundo plano. Em vez de ser um veículo leve sobre trilhos, vai ser um veículo leve sobre rodas. Essa é a saída, um veículo leve sobre rodas, que a Prefeitura equacionou.

Pois não, Vereador Prof. Célio Lupparelli.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Antes de qualquer coisa, quero justificar esse problema aqui. Nós tiramos esses *slides*, vou chamar assim, da apresentação que foi feita pelo Secretário de Transportes. Nós fomos lá e dissemos: “Nós vamos ter uma palestra no sábado. Por favor, nos dê isso aqui para apresentarmos em primeira mão.” Vocês são os primeiros a ver isso. Quem foi à Audiência Pública da Secretaria de Transportes... quantas pessoas estavam lá? Quem estava lá comigo? Cinco pessoas. Vou repetir: na Audiência Pública da Secretaria de Transportes, convocada pelo Presidente da Comissão, Vereador Jorge Mauro, havia cinco pessoas. Havia mais gente da Secretaria de Transportes do que o povo. E tem que lembrar: se o corredor T5, que era o tema da Audiência Pública, corta desde a Barra até a Penha, a população lá presente deveria ser em número mais expressivo. Eram cinco pessoas. E aí, de qualquer forma, nós solicitamos e ele nos cedeu cópia. É essa situação que está ali; portanto, vocês nos perdoem. O Sérgio me chamou a atenção, eu disse: vou fazer um registro. Mas há perguntas, certamente há perguntas. Você disse que eu tenho dois *slides* de presente. Antes das perguntas, mostra os dois *slides*, por favor.

Bom, esse é um conjunto de fotos da Vila Olímpica, não ainda fotos atualizadas. Ontem, anteontem, eu fui lá tirar fotos mais recentes das obras, que estão muito bonitas, muito boas. Isso aí dentro da questão de re-qualificação do corredor. Sidney, está aí, a Vila Olímpica é uma realidade. Nós sofremos muito, porque em 2001, quando nós levantamos essa questão, levamos ao então Secretário Ruy Cezar, ele prontamente atendeu, o Prefeito prontamente atendeu. Mas nós tivemos problemas legais, muitos embargos, aquela travessia de tubos pela Cândido Benício, com desvio, que trouxe muitos problemas para os moradores. Nós todos sofremos, porque eu moro aqui, corto também essa via.

Mas, graças a Deus, tudo já está superado e ontem já vimos a piscina bem avançada, a pista de atletismo bem avançada, o campo de futebol.

Segundo o Dr. Rafael, engenheiro responsável, em agosto estará pronta. A pista já estará pronta antes, provavelmente até para a delegação do Uruguai fazer treinamentos para o PAN. Isso é uma vitória. Aquele corredor era degradado. Com todos os problemas que sofremos ao longo dessa história, de 2001 até hoje, na verdade ali havia um ferro-velho, havia tentativa de invasão, e hoje nós vamos ter um painel que vai dignificar Jacarepaguá. A Vila Olímpica é uma realidade. Ontem, eu estava lá emocionado, porque eu queria viver até ver a inauguração. Tomara que eu viva pelo menos até agosto. Essa é uma.

Outra. Essa faz parte da nossa história. Eu nasci na Freguesia, agora moro aqui na Travessa Pinto Teles. Muitas vezes, eu subi até aquela Igreja da Pena, eu, minha mãe, os colegas também, para brincar lá em cima, principalmente setembro, quando há festa durante todo o mês. Mas aquela subida é íngreme, é difícil. Quando eu era criança, eu subia aquilo, agora vou lá e quem é mais depauperado vai com mais dificuldade. Os deficientes têm ainda muito mais dificuldade ou não atingem. Então, nós fomos ao Prefeito. A história disso aí começa com o seguinte: quando houve o Plano Estratégico – por isso, essas reuniões são importantes, aqui no Centro Cultural, eu me lembro perfeitamente que nós inserimos, ainda era Subprefeito o Alex, que nós brigamos... Depois foi para a Barra, ele era Subprefeito da Barra, mas foi aqui no Centro Cultural, que nós discutimos e pedimos para inserir, com a Cecília Castro, que estava comandando a montagem do Plano Estratégico da Cidade, pedimos para colocar esse plano inclinado. Isso, naquela época. Parou. Depois, um Vereador aqui do bairro, aproveitando a carona, fez uma Lei – perfeito, eu não era Vereador – na verdade, uma Lei autorizativa. Porque isso não pode ser feito por Lei. Lei autorizativa é aquela que diz: se o Prefeito quiser, pode fazer. Mas o Prefeito disse: não quero fazer. Não é Lei, chama-se Lei autorizativa. Ora, o senhor deve fazer uma escola, mas é atribuição do Prefeito fazer escola. Coloca na Lei uma coisa que já é atribuição do Prefeito. Seria como falar assim: você é cirurgião, você deve fazer essa cirurgia. Já é atribuição dele.

Essa Lei não pegou, era de 2003, 2004. Agora, há um mês eu fui almoçar com o Prefeito e com o Vereador Paulo Cerri e solicitei. Já essa semana fomos lá na Pena com engenheiro da Rioluz. Essa obra vai sair. Está dependendo, até muito mais de mim, de apresentar algumas documentações que eu já pedi, inclusive ao Cid Menezes, à Paula Serrano, do IPP, para juntar. Temos esperança que, em breve, eu não posso dar data, porque vocês viram o que aconteceu com a questão da Vila Olímpica. Era para ser em junho de 2002, estamos sofrendo, mas, se Deus quiser, vamos ver a inauguração. E a Igreja da Pena será o grande ganho, porque quem conhece aquele platô da Igreja da Pena sabe que é uma vista de 360 graus, linda, e aí nenhuma discriminação, porque eu acho que favela também é um lugar ótimo para se viver, mas a vista fica um pouco poluída quando a habitação não é adequada. Você sobe a Igreja da Pena e não tem uma vista verde, agradável, mas habitações mais complicadas, mal-feitas, mal-organizadas, que o Poder Público tem que ir lá organizar. Porém, da Igreja da Pena você tem uma vista ecológica maravilhosa. Não só a Barra; você vê a Barra, o Recreio, vê o Maciço da Tijuca, da Pedra Branca, toda a Linha Amarela. É uma vista linda. E, repito, 360 graus. Quem foi lá já teve essa chance

de ver e ratifica o que estou dizendo. Vai desenvolver o turismo, o ecoturismo, a questão do patrimônio cultural que tem na Igreja, acervo do século XVII. Nós estamos fazendo um abaixo-assinado e vamos pedir que, nos Anais da Igreja, fiquem consagrado as assinaturas de todos nós. Pedimos a vocês que procurem na Freguesia, na Praça Seca, postos de assinatura do abaixo-assinado. Não que o abaixo-assinado agora seja necessário para efetivação da obra, mas para documentar a nossa existência. Por que não? Na história, nos Anais, séculos e séculos passarão, e o nosso nome estará nos Anais da Igreja. E desenvolverá também a parte econômica. Ali embaixo, as pessoas estarão mais frequentes na Freguesia, para subir. Tem a questão religiosa. Tudo isso traz outro ganho extraordinário para nosso bairro, sem falar da lona cultural, que também já está em vias de inauguração.

Eram esses os dois presentes. Há pessoa para fazer perguntas. No nosso cronograma, antes do café, o que ficou combinado é que, às 10h30, nós faríamos o início do Debate. Caramba, são 10h35. Teria um café rapidinho e vocês estariam divididos – eu acho que isso é fundamental, porque vocês têm que participar, senão a reunião não tem nenhum significado. Quais são os quatro núcleos, Eliana?

A SRA. ELIANA JUNQUEIRA DE ANDRADE – Meio ambiente natural, urbano e cultural, seria o primeiro grupo.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Quem poderia pontear isso? O Capela está aí? O Cerqueira estará junto com o Capela, por exemplo. E você vai chamar os outros. Você chama os seu grupo. Levanta o braço, Cerqueira. Ele vai canalizar, ele foi o primeiro a levantar o braço; quem tiver interesse em discutir esse tema vai para lá. O Capela, evidentemente, como membro da Secretaria, também deve estar lá. Outro tema.

A SRA. ELIANA JUNQUEIRA DE ANDRADE – Transporte e acessibilidade.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Quem gosta de discutir transporte? Quem tem idéias para transporte que poderia iniciar a discussão, reunir o grupo para bater papo? Qual é o nome do companheiro? Cleber. De onde? Da Taquara.

Muito bem. Então, quem quiser discutir a questão de transportes, trazer propostas, estará com o Kleber em outra mesa.

Outro tema.

A SRA. ELIANA JUNQUEIRA DE ANDRADE – O terceiro é Habitação e Saneamento e toda a questão de ocupação territorial.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Habitação, Saneamento e toda a questão de infra-estrutura de drenagem, favelas. Quem quer discutir isso? Quem poderia reunir o grupo para bater papo e tirar um documento para nós? José Mendes, levanta o braço. José Mendes vai discutir

essa questão da infra-estrutura, da ocupação do solo, e o grupo que quiser vai para lá com ele.

Último tema.

A SRA. ELIANA JUNQUEIRA DE ANDRADE – Políticas sociais, que estão concentradas aqui: Saúde, Educação, Esporte, Lazer, Assistência Social.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Saúde, Educação, Transporte?

A SRA. ELIANA JUNQUEIRA DE ANDRADE – Não. É Saúde, Educação, Cultura, Esporte, Lazer, Assistência Social e Segurança.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Quem vai pontear? Marcos Paulo e Jorge. Eles vão estar lá e vocês vão para o grupo onde eles sentarem. Levanta o braço, Marcos Paulo. Olhem lá. Dr. Jorge, por favor. Levante. Muito bem. Vocês vão para onde eles sentarem. Isso aí.

A SRA. ELIANA JUNQUEIRA DE ANDRADE – Esse grupo, também, tem o desenvolvimento econômico. A gente pode até fazer o seguinte. Dependendo da quantidade de pessoas, a gente pode até dividir em dois, se for mais recomendável. Depois do cafezinho, a gente vê se tem alguém que queira promover essa discussão do desenvolvimento econômico em separado.

OS SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Vocês vão receber uma fichinha. A Eliana e o Sidney vão rodar. Vou pedir a vocês para me deixarem um pouco livre. Depois, vou conversar com todo mundo, porque adoro conversar. Mas, agora, queria assistir como está a dinâmica. Então, a Eliane e o próprio Sidney, assessor de imprensa, vão coordenar, tirar dúvidas, etc. Mas gostaria que vocês escrevessem. Vou mostrar a ficha, vou de mesa em mesa, orientando, para a gente levar um documento, repito, ao Prefeito e à Câmara Municipal.

A SRA. ELIANA JUNQUEIRA DE ANDRADE – É importante, também, dizer o seguinte. Que a gente dividiu em grupos, pelos temas que vocês têm mais familiaridade, vocês discutam. Mas se vocês tiverem sugestões para outros temas, evidentemente que a gente está precisando dessas sugestões. Então, vocês contribuam com outros grupos em que vocês tenham interesse em apresentar propostas.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Olha, é a primeira vez, – não me lembro, – tenho 60 anos, vida pública bastante. Não me lembro de a gente ter uma oportunidade como essa. Não me lembro. E já vamos marcar para a data desse 1º de setembro, que é um sábado. Inclusive, Carlos Araújo... Cadê o Vadinho? Vadinho, você manda de Jacarepaguá. Antônio, eu não sei o que vai acontecer, mas, no dia 1º, que é um sábado, vamos fazer o próximo encontro aqui, o segundo Debate de Jacarepaguá. A gente está fazendo por trimestre. A gente vai aproveitar a semana de Jacarepaguá. Mês 09 é nosso

mês de aniversário. Vou pedir a vocês, então, para a próxima reunião vocês divulguem, que será em 1º de setembro. Outra coisa, de cada grupo vai sair um Relator. Não é isso?

A SRA. ELIANA JUNQUEIRA DE ANDRADE – Isso é que é importante falar. Que cada grupo vai ter um Relator. E esse Relator, ao final dos trabalhos, estamos dimensionando aqui, – a gente tinha colocado uma hora e meia, mas se a gente conseguir fazer em uma hora, porque agora tem o cafezinho, mas 15 minutos e tal, se a gente conseguir fechar em uma hora, cada grupo vem aqui, depois, e apresenta essas sugestões para que a gente possa democratizar essas informações e todo mundo tenha a chance de saber o que os outros grupos discutiram.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Bom, há duas pessoas inscritas. O Sr. Professor João Torres e, depois o Professor Renato, antes do café. O Fábio já me contou no ouvido: “o café não está pronto. Enseba mais um pouquinho!”. (risos) Aqui, não tem negócio. É igual ao Faustão. Já. Você é dá Cultura. Se não estiver na Cultura, estou perdido. Fala.

O SR. JOÃO TORRES - Sou da Vila Valqueire. E todo mundo sabe que o pólo comercial da Vila Valqueire é muito grande. E todo mundo sabe, pelo menos na minha visão, que nas vias estruturais feitas nesse planejamento não se inclui, em momento algum, uma importante via chamada Intendente Magalhães. Isso é assustador. Hoje, por exemplo, há um *pool* comercial das grandes marcas de concessionárias de automóveis que estão se alocando na Vila Valqueire, além dos colégios. Se entrarmos ali, pela Urucuia, vamos sair lá em Curupaiti. Talvez, seja uma via de fuga. Quando se fala que houve um sufoco na Cândido Benício, é porque o caminho de fuga não estava preparado, porque tem que haver o caminho de fuga, tem que haver a segunda via. Não é verdade? Uma colocação desse nível. O Valqueire, além do potencial comercial, o Valqueire é uma região densamente habitada. A densidade demográfica do Valqueire não é de se desprezar. Além dos colégios, além de tudo mais, estamos expandindo o *shopping*. Então, era um momento de se dar uma atenção ao local. A Intendente Magalhães segue para várias ramificações. Então, há de se incluir isso, sim. É necessário.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) - Quer responder? Apresente-se, por favor.

O SR. IVAN DE ALMEIDA MATOS - Sou Ivan de Almeida Matos, formado também em Geografia - mas estou aposentado, descansando um pouco -, e em História também. Estou fazendo um trabalho de projeto de monografia do Valqueire e, posteriormente, a monografia do Valqueire. E, como o nosso amigo colocou muito bem, faltou alguma coisa de os senhores colocarem nesse Plano Diretor o potencial de Vila Valqueire em todos os aspectos. Mas, agora, como vamos nos juntar em grupo, vamos procurar dinamizar esse trabalho, para que possamos colocar em Debate. Está bom, professor.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) - Sidney Menezes vai responder. Depois, vem a outra pergunta, que é do Renato, e depois, a senhora.

O SR. SIDNEY MENEZES - Acho, professor, que está nascendo uma proposta. Uma proposta, talvez, de urbicidade para a Intendente. A idéia não é trazer um projeto pronto, acabado, da minha cabeça, da cabeça da Eliana, da cabeça do Vereador. É exatamente isso. Essa humildade de troca de idéias é importante. Está surgindo uma proposta absolutamente pertinente.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) - É exatamente isso.

Só quero reforçar, Sr. Ivan, do Valqueire Tênis Clube, que é exatamente isso que estamos discutindo. Como disse a Dra. Eliana, as propostas do Plano Diretor têm que ser feitas com participação popular. É isso mesmo que vocês fizeram. Começamos a alcançar, Sidney, nosso objetivo. Não adianta trazer pronto.

A SRA. NORMA OZÓRIO - Seriam muitas as observações que teríamos...

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) - Apresente-se, por favor.

A SRA. NORMA OZÓRIO - Meu nome é Norma Ozório. Sou nascida e criada em Jacarepaguá, de onde me afastei por uns 40 anos, quando fui para o Flamengo e Araruama. Estou voltando a morar na Praça Seca, na Rua Florianópolis.

Seriam muitas as observações que teríamos que fazer. Acho que esta que está sendo colocada é muito importante em termos de planejamento. Todo esse planejamento apresentado, muito bem apresentado, muito bem organizado, merece nossos parabéns. Notei, quando vim para cá, que deixa de certa forma fragilizados a Praça Seca e o Valqueire na própria divisão do Plano. Na divisão do Plano coloca-se o Tanque, a Taquara. Tudo melhorou! Voltei para cá, achei outra Taquara, outra Freguesia, Tanque. No entanto, cada vez mais há morte da Praça Seca e no Valqueire. Atribui isso exatamente a um erro no planejamento. Se vocês forem rever, verão que não aparece a Praça Seca. Teria detalhes, mas não vou citá-los. É preciso focalizar melhor a Praça Seca e o Valqueire neste plano global de Jacarepaguá.

E quanto a esta visão de Jacarepaguá como um todo, para mim é surpresa. Tive problemas muito sérios até para código dos Correios, porque fizeram uma divisão para Jacarepaguá que precisa ser revista. Jacarepaguá não existe! Fui corrigida. Disseram que Jacarepaguá é só a Geremário Dantas, Freguesia, o resto é Taquara, Praça Seca, bairros! Isso precisa ser revisto! Ou seja, a unidade de Jacarepaguá foi quebrada! Nós precisamos fortalecer de novo, unir novamente partes que sempre foram Jacarepaguá e estão fragilizadas!

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) - Só queria registrar o seguinte: estou de acordo com a senhora, moro aqui. Temos a certeza - é palavra do Prefeito, estivemos com ele há pouco tempo, estaremos com ele quarta-feira, como disse - de que haverá uma modificação na Praça Seca. Não sei se vai ser com o Rio Cidade, mas teremos a recuperação do visual. Com certeza, teremos o chafariz recolocado, o coreto recuperado, a poda das árvores de maneira a melhorar a iluminação, o reforço da iluminação. O piso será recuperado, também. Vamos ter uma Praça Seca mais humanizada. Aliás, é a única praça em que não tem futebol, essas coisas. A família pode vir tranqüila. Acho que vamos ter um ganho.

Em relação ao Valqueire, está perfeito. É um bairro residencial, com comércio crescente. Acho que a própria construção da Vila Olímpica vai trazer visibilidade para a Praça Seca. Quando a gente completar aquilo ali, a Praça Seca será mais forte, por conta daquele painel.]

Para encerrar minha fala, acho que a senhora está certa também. Temos o melhor Centro Cultural, dito pelo Ricardo Macieira, o Secretário de Cultura, e pela Isabel, a carinhosamente chamada Bebel. Não há visibilidade, as pessoas não sabem! Tem gente aqui da Praça Seca que não sabe que temos o melhor Centro Cultural da cidade, dito pelo Secretário Ricardo Macieira, que é muito duro nos seus comentários, uma pessoa muito séria. Ele diz que o melhor Centro Cultural é esse aqui, na Rua Barão, 1180. Espero que com isso, com todas essas revitalizações que o Prefeito vai fazer, tenhamos também o crescimento do Centro Cultural.

O SR. IVAN DE ALMEIDA MATOS - Está faltando um pouco de divulgação, de publicidade para divulgar esse Centro. Sei que existe o centro, para mim foi importante para a função que exerço. Agora, a Praça Seca é um ponto estratégico. Quando vamos fazer algum Debate sobre transportes... Vou colocar bem claro que o transporte de massa superficial pode acarretar uma série de problemas em vias públicas. Você sabe muito bem disso. Deve pensar muito bem quando elaborar esse Plano Diretor. No passado - você tem conhecimento disso -, Célio, muitos prometeram fazer um metrô ligando Madureira à Barra da Tijuca pelo subsolo.

A SRA. LEONORA - Estamos falando em educação. A nossa biblioteca está abandonada. Isso também faz parte da educação da Praça Seca. Apesar de eu morar no Tanque, a gente está sempre aqui. E isso que nós tivemos aqui no Tanque, um debate com as Associações para melhorar a biblioteca que está abandonada, os livros estão encaixotados. A biblioteca é educação. Tem muitas coisas que estão abandonadas, livros em baldes, tudo abandonado e jogado nas caixas.

É isso que eu queria falar para vocês.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) - Como é o seu nome? Senhora Leonora. A respeito da biblioteca, que é uma luta também antiga do Antonio Cerqueira e de outros companheiros, nós temos a dizer o seguinte: primeiro, nós fizemos uma Indicação Legislativa, que é uma espécie de Lei. Mas, como eu disse antes em relação à Igreja da Pena, não tem força de Lei. Ou

seja, como isso é uma função específica do Executivo, nós fazemos uma Indicação Legislativa na esperança de que o Prefeito se sensibilize com um documento da Câmara, e aí, com o apelo popular, aconteça. Assim foi com a modificação da Praça Seca, com a Vila Olímpica e tal. Então, estamos tentando através desse processo.

Eu marquei uma Audiência com o Ricardo Macieira, dia 7 de junho. Mas depois me disseram que dia 7 de junho é feriado, parece que é Corpus Christi. Aí, nós dois erramos, tanto a secretária dele como a minha não se lembraram. E ficamos de segunda-feira remarcar.

Então, na presença do Secretário vou tentar sensibilizá-lo. Pode estar certa disso! É uma luta nossa.

Agora, eu queria passar para o Professor Renato. Não seria interessante o Renato falar, depois vocês virem para a dinâmica, e voltarem a falar? Deixa o Renato falar, que ele vai falar uma palavrinha sobre a biblioteca.

O SR. RENATO - Bom-dia a todos!

Sou o Professor Renato, Administrador Regional da Taquara, e, a pedido do Prefeito Cesar Maia, hoje um braço do Vereador Prof. Célio Lupparelli aqui em Jacarepaguá nesse programa fabuloso de reestruturação do nosso bairro.

Bom, segundo historiadores, nós deveríamos chamar Jacarepaguá de bairro, e os outros, não sub-bairros, mas localidade do Pechincha, localidade da Taquara, localidade da Freguesia, para cada vez mais Jacarepaguá ter o efeito que merece dentro dessa tônica de todos os bairros do Rio de Janeiro.

O Professor Célio Lupparelli sempre sustenta que amar o bairro é conhecer o bairro. E criou para o próximo período de junho, julho e agosto, com a premiação em setembro, a 1ª Olimpíada Cultural de Jacarepaguá. Essa Olimpíada vai versar pelo seguinte tema: a História de Jacarepaguá. As escolas que tenham 5ª a 8ª séries, ou seja, 6º a 9º ano, poderão fazer as inscrições para debater o nosso bairro, a História de Jacarepaguá.

Muita gente não sabe que a primeira Igreja de Jacarepaguá e a Nossa Senhora da Cabeça. A primeira Igreja criada em Jacarepaguá, lá na Cidade de Deus, naquele morrinho. Essa foi a primeira Igreja. Muita gente não sabe, Engenho D'Água, que a Pedra do Galo é que sustenta a Igreja da Pena. Isso, as crianças, os adolescentes vão aprender desde o início a cultivar o nosso bairro.

Outro projeto do Prof. Célio Lupparelli começou em 2001, quando ele era Administrador de Jacarepaguá e eu da Taquara. É um projeto que nós discutimos muito: ajude o PAN a respirar, plante uma árvore. Nós vamos conversar com a Secretaria de Meio Ambiente para implementar novamente esse projeto. Consistia no seguinte: lá, numa área ao lado da comunidade Entre-Rios, os Guardiões do Rio sustentavam um viveiro de plantas de mata atlântica, e as crianças da rede municipal de ensino eram buscadas, com auxílio das empresas da região, nos colégios, e elas mesmas plantavam as árvores. Os adultos - sei que o Vereador Prof. Célio Lupparelli sabe muito bem disso - comparecem à Administração Regional para pedir para retirar uma árvore. Nunca ninguém comparece para plantar uma árvore.

Se nós criarmos nas crianças essa intenção de fazer com que o meio ambiente progrida, nós nunca mais vamos perder o meio ambiente, porque nós

falhamos. As crianças é que têm que sustentar isso. São projetos com os quais nós estamos de mãos dadas para fazer.

Então, queria pedir a vocês agora, para não me alongar mais, que todos conversassem com as Diretoras de todas as escolas - a 7ª CRE já abraçou o projeto - para que façam as inscrições para essa Olimpíada Cultural de Jacarepaguá. Assim os jovens vão aprender a amar o nosso bairro, segundo o Vereador Professor Célio Lupparelli.

Muito obrigado!

Bom-dia a todos! Um bom-dia de Debate!

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) - Obrigado, Renato!

Rapidinho, o Vadinho só vai fazer um comentário sobre a biblioteca, para depois a gente ir para o café.

O SR. VADINHO - Eu queria informar, para você quando encontrar com o Secretário Macieira e numa resposta à Sra. Leonora, que agora em maio a Federação das Associações de Moradores do Rio de Janeiro, sessão de Jacarepaguá, entregou à Beth de Almeida, representante do Macieira, um abaixo assinado com quase 5 mil assinaturas, fazendo um pedido para a construção da biblioteca atrás daquele prédio, um projeto do Dr. Jorge, que é marido da D. Alaíde, que é ex-Diretora da biblioteca.

Quando você encontrar com ele já vai estar sabendo disso.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) - Com certeza.

Nós vamos fazer o seguinte: vamos ao café e eu vou pedir a essas pessoas que ficaram como líderes de grupo para tomar o café mais rápido e chamar as pessoas. Agora, presta atenção, esse é o momento mais rico, porque vocês vão dar as contribuições, não adianta vir falar no meu pé do ouvido que eu tenho que fazer isso, ou fazer aquilo, não. Escrevam, porque escrevendo vai ficar documentado e nós vamos apresentar à Câmara.

Para quem chegou agora, eu quero dizer que este programa está sendo gravado e vai ser publicado no Diário Oficial da Câmara Municipal e o resumo dele será entregue a cada um que tiver deixado o endereço, e será levado ao Prefeito da Cidade, o Sr. Cesar Maia.

A Rádio 91.0 também está fazendo a cobertura desse encontro.

Muito obrigado ao André.

Vamos ao café.

(INTERVALO)

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) - Vamos ouvir um projeto que vai ser relatado pela própria autora, Sra. Eliana Junqueira de Andrade.

A SRA. ELIANA JUNQUEIRA DE ANDRADE - Bom, eu coloquei seis propostas. A primeira é a instalação de ecolimites como ação preventiva nas ocupações irregulares. A segunda proposta: projetos ambientais de preservação

das áreas verdes e de recuperação das áreas degradadas. A terceira proposta é para que o planejamento seja visto como ambiental e urbanístico. A quarta é o incentivo às empresas nacionais e multinacionais para investimentos em projetos sócio-ambientais. A quinta é o incentivo à educação ambiental, porque eu não vejo outra maneira de guardarmos Jacarepaguá a não ser pela informação, já que ela abrange todas as disciplinas, tanto a informação formal pela escola, quanto a informal nas comunidades.

Na Praça Seca existe um Centro Cultural: que ele seja transformado em Centro de Referência Cultural para outros Centros nas demais localidades, como Taquara, Freguesia, etc, sendo referência o da Praça Seca, já que ele é visto de um patamar diferenciado, com isso articularia as ações acontecendo ao mesmo tempo, sendo divulgadas, sendo tratadas ao mesmo tempo em todas as outras localidades.

Outra coisa que eu estava discutindo e falo: o bairro é Jacarepaguá. Não existe o bairro da Taquara. Seja Taquara, seja Freguesia, eu não gostaria que fossem segmentados. Eu tenho essa preocupação, porque a segmentação faz com que as coisas, de repente, comecem a dissociar. Jacarepaguá é Jacarepaguá.

É só isso o que tenho para apresentar.

(PALMAS)

O SR. RELATOR DO PRIMEIRO GRUPO – Vocês viram que Lea aproveitou bem os 15 segundos que dei a ela. Bom, agora, é o nosso que diz respeito aos primórdios de Jacarepaguá: eliminar as subdivisões ou sub-bairros que estão sendo feitos, terminar ou extinguir esses títulos de sub-bairros; são localidades de Jacarepaguá. Um companheiro nosso comentou sobre o Sertão Carioca – um livro de Magalhães Correia –, o qual reputo como a bíblia de Jacarepaguá. Ele faz uma relação de quase 200 localidades de Jacarepaguá – isso em 1932, é lógico. Depois disso, as coisas foram mudando. Eu sempre digo o seguinte: quando alguém chegar em Jacarepaguá, dentro de pouco tempo, e disser: “Onde é Jacarepaguá?”, aí vão dizer: “É no fundo daquele quintal ali”. E hoje Jacarepaguá está dessa maneira. Até os mapas que estão aparecendo já estão truncando, de tal maneira que Jacarepaguá vai ficar na copa da casa ou no quintal – infelizmente é o que está acontecendo.

Vamos olhar também para o problema da Biblioteca de Jacarepaguá. É uma tristeza, isso dói. Ela está para desaparecer em pouco tempo. Sabem por quê? Porque muitos livros já foram destruídos, não só pelos cupins, mas também pelas infiltrações de água que existem no prédio. Então, usa-se muito o termo, no Patrimônio Histórico, tombamento. Lá vamos esperar tombar – não é? –, desaparecer, porque ninguém faz nada pela cultura desse bairro. Infelizmente, é isso o que acontece. A Biblioteca de Jacarepaguá teria que estar, como já discutimos isso, numa área decente. Ali é uma indecência; infelizmente, é o que está acontecendo. Não é de agora não, é de muitos anos. Infelizmente, ninguém resolveu esse problema. E, daqui a algum tempo, não teremos mais nem biblioteca. No momento, é o que recebi para passar para vocês, porque fui apanhado de surpresa.

Muito obrigado.

(PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Parabéns ao grupo. Eliana, você junta e depois pega tudo com ele?

A SRA. ELIANA JUNQUEIRA DE ANDRADE – Eu vou ficar com todas as sugestões. Nós vamos arrumar, sistematizar e aproveitar essas sugestões.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Eu quero insistir para quem chegou agora, que este programa, este nosso Debate está sendo gravado e será publicado no Diário da Câmara Municipal. Quem deixou o endereço, vamos tentar levar para cada um a cópia desta publicação.

A SRA. ELIANA JUNQUEIRA DE ANDRADE – O segundo tema é transporte. Vou pedir ao...

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Questão de ordem? Sim.

(Fala inaudível fora do microfone)

A SRA. ELIANA JUNQUEIRA DE ANDRADE – Vamos, então, ao segundo tema.

O SR. RELATOR DO SEGUNDO GRUPO – Essa intervenção dele foi perfeita, porque é o que eu defendo também. Secionaram Vargem Grande como se fosse parte de Barra e Recreio e não é. Exatamente.

Antes de fazer a minha explanação sobre a questão de transporte, quero falar sobre cultura, porque eu sou artista também. E como músico eu trabalhei em várias casas, aqui, inclusive no Country. Já toquei, inclusive, aqui. É questão do espaço cultural. Uma coisa que eu sinto muita falta é de um teatro aqui em Jacarepaguá. Não sei como poder o público resolveria essa questão. Existe uma loja aqui, que é a antiga Casa Sendas, ali na Cândido Benício, logo depois do Sorvetão; ela está para alugar ou vender. O detalhe é o seguinte. Ela já tinha sido alugada por um proprietário de bingo; só que, por conta de a lei não ter passado, eles desistiram. Custa 25 mil o aluguel; eu já sei até o preço do aluguel deles, e eles não sabem o que fazer com aquilo ali; aquilo ali está fechado. Tem um tamanho legal para ser um teatro. De repente, o poder público pode ver, através disso, como pode se fazer a utilização daquele espaço ali pela Secretaria de Cultura. Até vou falar com o Macieira. Tenho até uma sugestão de se fazer isso por escrito.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Está escrito aí? Está ótimo.

O SR. RELATOR DO SEGUNDO GRUPO – Estou escrevendo, depois eu lhe entrego.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Está bom.

O SR. RELATOR DO SEGUNDO GRUPO – Bom, falando sobre transporte, todo mundo já passou pelo Largo da Taquara ou já passou sufoco pelo Largo da Taquara. Eu passo todos os dias pelo Largo da Taquara, aquilo ali é uma porcaria. Então, o que nós tiramos de conclusão? A questão de disciplinar as kombis e vans, no tocante à circulação e utilização principalmente das baias e paradas de transportes alternativos. Por quê? Porque hoje, as vans e kombis estão ocupando as baias que são dos ônibus. Já tem espaços criados para que elas possam parar nos locais, só que elas não obedecem, os motoristas não obedecem isso, tanto os legalizados, quantos os outros que são piratas.

Então, temos que tentar disciplinar isso, aumentando também as baias para os ônibus, porque as baias são pequenas. Pára às vezes um ou dois, então os outros ficam do lado de fora e acabam abrindo a porta fora das baias; as pessoas correm risco, saindo dos pontos dos ônibus para pegar os ônibus lá fora, porque eles abrem a porta no meio da pista. O que acontece? O cara não entra na baia, prende quem vem atrás. E aí se torna o caos do trânsito. Então, essa foi uma das sugestões que nós tivemos: aumentar um pouco as baias dos ônibus nas vias principais e obrigar a eles que entrem, realmente, nas baias.

Como fazer isso? Obrigando as vans e kombis, desobstruindo, criando as paradas específicas para os transportes alternativos e forçando-os. Através de quê? Da Guarda Municipal. Por quê? Porque a Guarda Municipal, hoje, está sendo complacente com aquela bandalheira que existe lá. Ou seja, os caras param na baia do ônibus, principalmente em frente, onde é a Magia dos Pés, no ponto da Taquara, em frente à Magal, do outro lado. As kombis ocupam aquelas baias, os ônibus param no meio da rua, ou seja, os guardas municipais passam lá em grande número e não fazem absolutamente nada, quando a função do guarda municipal é disciplinar aquele trânsito. Eles fazem isso em alguns horários do rush, mas, fora disso, eles passeiam pelas calçadas. A gente vê, você que trabalha na Taquara vê isso acontecer a toda hora. Eu já chamei a atenção do guarda municipal e lhe disse: “O senhor não vai multar?.” Ele disse: “Mas multar por quê?” Respondi: “Porque ele está parado em lugar irregular, e o senhor sabe disso.” Ele disse: “Ah, mas eu não tenho instrução.

Então, é preciso que a Guarda Municipal seja instruída, os guardas, os agentes patrimoniais, os agentes municipais que trabalham na Guarda Municipal sejam orientados a, realmente, reprimir esse tipo de irregularidade, primeiro orientado; e num segundo momento, aí sim, multando, para que eles possam perceber a gravidade da coisa, porque isso obstrui toda aquela passagem. Então, há um pouco de complacência nessa parte.

Segunda coisa: asfaltar melhor as vias públicas, porque o que mais tem é buraco nessas ruas todas. E, também, melhorar o aproveitamento das vias chamadas secundárias, que é uma coisa que já foi levantada aqui. Nessas vias, como a Pedro Teles, a Rua Maricá, a Chacrinha, fazer um melhoramento. E, inclusive, Professor, atrás da Vila Olímpica, lá por trás, no morro, tem uma rua ali. Isso pode servir para desafogar, pode ser um corredor para desafogar o trânsito. Digamos que não o trânsito pesado de ônibus e caminhões, mas os carros particulares serão orientados a irem por aquela via também, para

desobstruir essa parte da Cândido Benício. Em horário de *rush*, isso aqui é horrível, principalmente para quem vem do Campinho para a Praça Seca.

Como eu estava falando, obrigar a Guarda Municipal a ser menos complacente com a ilegalidade. Isso no tocante aos carros particulares, as kombis e as vans, que ocupam justamente os lugares que não deveriam. O estacionamento, principalmente depois que se fez o Rio Cidade Taquara, como o senhor mesmo falou, já está precisando melhorar aquilo lá. O estacionamento já era ruim, melhorou um pouquinho. O Professor Renato. Administrador da Taquara, sabe disso também. Esses estacionamento, alguns, estão nas mãos do Poder Público, que deve fazer Vaga Certa mesmo em todos eles, tirando das mãos dos “flanelinhas”. As pessoas se aproveitam desses espaços para lotarem as ruas: primeiro, temos a indisciplina porque estacionam de qualquer jeito e, segundo, porque é um dinheiro que vai para as mãos de quem não deveria, quando poderia ir para o Poder Público, para, inclusive, ser revertido na própria melhoria de estacionamento e de vias públicas. Então, isso é uma coisa que pode ser feita, não só na Taquara, mas na Freguesia também. Depois do “Quality”, aquilo ficou horrível, ficou muito ruim chegar ao Largo da Freguesia, passando pelo “Quality”. Então, pode ser pensado esse estacionamento, um estacionamento administrado pelo Poder Público, porque hoje está irregular. Foi levantada uma questão: há muito tempo se falou sobre o Viaduto do Lago do Campinho, um Viaduto do Campinho, saindo ali da Ernani Cardoso, passando por cima, chegando aqui na Pedro Teles, saindo pelo Morro do Fubá, saindo na Capitão Menezes, na verdade. Isso seria talvez uma via de fuga, uma rota alternativa de fuga. Pediram também para falar sobre o alargamento da Rodrigues Caldas que é uma rua pequena – o senhor também já tocou nesse ponto – o alargamento da Rodrigues Caldas e, em tese, quer dizer, são medidas até certo ponto simples, absolutamente realizáveis, dependendo um pouco de vontade política, de fazer também parte do Orçamento.

Queria falar com vocês sobre outra coisa. Participo de várias comunidades do orkut. O orkut tem uma comunidade chamada “Taquara”, outra chamada “Jacarepaguá”, outra chamada “Eu Amo Jacarepaguá”; são muitos jovens, muitas, pessoas, não só jovens – todos nós somos jovens, não é verdade? Muitos dão muitas sugestões ali e acho que é um canal que pode ser utilizado também, porque vejo muitos amigos meus, inclusive encontro pessoas que estudaram comigo na Barão da Taquara e que há anos não via, dando sugestões sobre como melhorar o trânsito em Jacarepaguá. O que falta em termos de cultura e todos os temas que levantamos aqui são discutidos na comunidade do orkut, Taquara, Jacarepaguá, Freguesia. O orkut é uma excelente ferramenta, se bem usada. E essas comunidades podem, inclusive, servir de fórum, para pautar muitas das coisas que temos aqui e que podemos debater e sugerir.

Era isso que tinha a falar. (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Não tenha dúvida de que iremos entrar nessas comunidades. Muito bom.

A SRA. ELIANA JUNQUEIRA DE ANDRADE – O documento aqui, por favor.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Olha, Eliana, nós temos trabalho aí para levantar isso tudo, fazer indicação legislativa, levar ao Prefeito, levar ao Plano Diretor. Por exemplo, tudo que ele falou aí, 90% se não estiver incluído no Plano Diretor, não vai ter Orçamento, não vai poder trabalhar.

Vamos ao 3º Grupo?

A SRA. ELIANA JUNQUEIRA DE ANDRADE – A integração do Sistema de Transportes, não é? Vamos anotar isso, vamos incluir também a proposta.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Acho que pela palestra que escutei ontem do Secretário Arolde de Oliveira, essa integração vai existir com esse corredor T-5 que ele vai trazer para nós aqui. Não tenham dúvida de que vamos convidar aqui o Secretário em um dado momento.

Pode seguir.

A SRA. ELIANA JUNQUEIRA DE ANDRADE – Terceiro Grupo, então, é Habitação e Saneamento. Vou pedir ao representante para se apresentar.

O SR. JOSÉ MENDES – Meu nome é José Mendes e as propostas são essas aqui. Vamos começar lá pelo Campinho. Por quê? O Campinho é a porta de entrada de Jacarepaguá para quem vem da Zona Norte e da Leopoldina. Então, a gente sempre procura dar uma atenção especial. Vamos então lá pelo Campinho.

É importante a realização do Projeto Urbe Cidade no Largo do Campinho porque a pessoa já entra em Jacarepaguá com mais beleza. Desapropriação da área que compreende o Largo do Campinho, hoje ocupado por cortiços, para instalação de uma Vila Olímpica ou outro empreendimento que dê uma visão melhor, crie um ambiente melhor para aquela região e até ajude a revitalizar o comércio que tem ali naquela área.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Deixe-me fazer uma intervenção. Realmente ele falou uma coisa clara: quem vem de Madureira e chega a Jacarepaguá – pelo amor de Deus! –, é sinal de que não merece nenhuma consideração. Tem que mudar; é a porta de entrada!

O SR. JOSÉ MENDES – Exatamente. Vamos lá. Realização do Projeto Favela Bairro ou Bairrinho nas Comunidades. Quero explicar uma coisa: já tem inclusive projeto pronto para duas comunidades de que vou falar aqui – a Santa Irinéa e a Divino Espírito Santo. Está só aguardando Orçamento. Realização da Favela Bairro ou Bairrinho nas Comunidades Santa Irinéa e Divino Espírito Santo, na Praça Seca e também na Rua Quiririm e Urucuia, em Vila Valqueire.

Número quatro: mudança de zoneamento para as ER3 na Estrada do Outeiro Santo, incluindo a Estrada da Ligação, de acordo com o PEU da Taquara, Lei complementar 70, Artigo 37, de 06/07/2004. Para as pessoas poderem construir suas residências ali naquela região.

Revisão do Projeto Bairrinho na Colônia, colocação de joelhos na saída de água do Rio Pavuna para evitar o refluxo e inundações, esse rio fica em Curicica.

Evitar a invasão, que está sendo anunciada para breve, das margens do rio localizado na Estrada Miguel Salazar no Riocentro.

Criar um plano de incentivo ao comércio localizado na Estrada dos Três Rios, Estrada de Jacarepaguá, Avenida Geremário Dantas e Rua Cândido Benício em toda a sua extensão, porque o comércio não vem sendo incentivado, como há pouco tempo aconteceu com a Intendente Magalhães, pois a Prefeitura abraçou aqueles comerciantes, fez uma parceria e o comércio foi incrementado, esta gerando mais emprego, mais melhoria, inclusive no entorno, em outros segmentos do bairro. E se os comerciantes desses locais também forem abraçados, contemplados com o plano de revitalização do comércio, vamos ter sucesso nessa área.

Maior atenção aos problemas das enchentes e inundações nas Ruas Baronesa, Florianópolis e adjacência, cuidando dos valões e rios assoreados. Também tem o problema do lixo, o pessoal joga lixo no rio e também na coletora de água.

Combate ostensivo às construções irregulares e ocupações das margens de rios e morros. O problema que acontece com a ocupação irregular também é que muitas vezes ela é incentivada pelos próprios políticos. O cidadão tem um terreno lá, então vamos lá invadir. Invade! Aí todo mundo na outra eleição vota no sujeito, achando que ele é o “rei da cocada preta”, mas levou todo mundo para uma tremenda “furada”.

Então, às vezes é melhor juntar um dinheiro, dar entrada num terreno regularizado, vai pagando aos pouquinhos, para evitar dor de cabeça. É igual ao que está acontecendo lá no Anil, o pessoal está sendo removido, ocupou aquela área. Quer dizer, sempre tem um político tirando vantagem da história.

Levar água encanada às residências e comunidades, água tratada. Criar rede coletora e tratadora de esgoto. Isso é geral, para toda a área de Jacarepaguá.

Incentivar que, nas residências e comércios, a água da chuva seja coletada em ramal diferente do ramal de esgoto, para diminuir o volume do material tratado. Porque quando entra água de chuva junto com esgoto, vão para tratamento. Mas a água da chuva aumenta muito o volume de esgoto. E é uma água que não precisaria de tratamento. Acho que tem uma Lei para grandes construções, determinando que a água é recolhida e usada para lavar calçada, etc. Aí, Vereador, faz-se uma Lei dessas para entender isso para as residências.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) - Você faz um modelo de Projeto de Lei que eu...

O SR. JOSÉ MENDES - Isso. Para as residências, para o comércio, economia de água.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) - Aliás, o Clemente fala uma coisa interessante. No nosso discurso de posse, pedimos aos amigos que nos mandassem idéias de Projetos de Lei, propostas. Alguns mandam até formatado direitinho. Então, eu queria lembrar mais uma vez que quem mandar

Projeto de Lei, nós encaminharemos, pois é a melhor maneira de contribuir com o que eu chamei de “mandato-cidadão”. As pessoas montam, se tiverem idéias já mais ou menos formatadas; senão, pede a um amigo. Ou somente a idéia, vamos tentar, tentar não, vamos enviar para a Câmara. Agora, se vai ser votado e aprovado é depois. Mas o nosso papel nós fazemos.

O SR. JOSÉ MENDES - Mudança de zoneamento da Rua Urucuia para possibilitar e regularizar o comércio da região. Porque aquela rua é muito grande, as pessoas têm que sair naquelas vans para fazer compra na Praça Seca ou no Valqueire. Então, se mudar o zoneamento, permitir que haja comércio ali, as pessoas não vão precisar se deslocar de lá para vir comprar, já compram ali dentro mesmo, até porque às vezes a pessoa não tem dinheiro de passagem. Então, tem que ir andando a pé aquele pedaço todo, porque não pode ter uma padaria na sua rua, porque o zoneamento não permite. Então, tem que rever isso.

Também na Rua Urucuia, realização do Urbe Cidade em toda sua extensão, melhorar a vida daquelas pessoas. Teve uma época em que eu pedi para fazer o “tapa buraco”. E agora devemos fazer uma obra que contemple mais. É isso aí por enquanto.

Agora ali também tem um problema de construções irregulares. Inclusive construíram residências em cima do rio. Quer dizer, o próprio povo se prejudica, entendeu?

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) - Fechou?!

Muito bom também. Excelente! Maravilha. Palmas.

O 4º Grupo.

Eu queria registrar a presença da Márcia Garrido. É moradora de Jacarepaguá, lutadora. Enfim, ela veio abrilhantar a nossa reunião, como filha do bairro.

A SRA. ELIANA JUNQUEIRA DE ANDRADE - Agora nós temos o último tema que são as Políticas Sociais e Desenvolvimento Econômico, que envolve saúde, educação, cultura, esporte e lazer, assistência social e segurança urbana.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) - Antes do Dr. Marcos falar quero lembrar que quem não assinou, assine a lista, porque vamos incluir os nomes das pessoas participantes no Diário.

Com a palavra, o Dr. Marcos.

O SR. MARCOS (RELATOR DO 4º GRUPO) - Boa tarde a todos.

Eu sou o Marcos.

Nós ficamos com assunto que é bem amplo, precisaríamos conversar em pormenores sobre isso pelo menos umas 12 horas.

Eu vou salientar uns pontos aqui e as outras soluções, ou melhor, sugestões para soluções estão lá com a nossa nobre amiga Cláudia.

Vou começar com os pontos da saúde. Já de antemão salientando os nós, os gargalos da infra-estrutura da administração pública entre outros, mas dando uma ênfase na saúde, educação e segurança.

Vou começar pela saúde, com alguns pontos que nós salientamos, principalmente os postos de saúde 24 horas. Ou cons-tróem-se mais postos, inclusive um hospital na região para que possa atender à demanda, ou pode fazer que eles sejam melhor estruturados e tenha-se um terceiro turno, levando-se em consideração pólos de assistência.

A nossa amiga pode chegar lá no Posto de Saúde e procurar um oftalmologista. Chega lá e não tem. Ah, só tem no Albert Schweitzer, que é lá em Realengo. Aí, chega lá, é uma outra área. Dizem: “Ah, nós não atendemos”. Ela fica desassistida. Fica “quicando” de lugar em lugar e não é atendida. Então, é de suma importância que se aja conforme a Lei e se respeite as atribuições dos Postos de Saúde. É necessário colocar que essas especialidades podem se constituir em pólos. Mas isso só o Poder Público vai poder regulamentar. E isso então acaba esbarrando, a consequência é corolário do Plano Diretor que vai ser efetuado. É necessário avaliar a possibilidade, volto a enfatizar, Professor, de construções de Postos de Saúde e de hospitais na região. E fazer funcionar também o Programa de Saúde da Família, que tem entre outras atribuições de desafogar hospitais e Postos de Saúde com esse fim.

A nossa amiga ali salientou, muito bem, a questão dos remédios, medicação, que tem faltado. Isso aí é Orçamento da saúde que tem que haver pressão popular para que saia.

Vou deixar a questão da educação por último porque foi o que a gente debateu mais.

Quanto à questão da segurança. O nosso colega falou sobre a atribuição dos Guardas Municipais. Os Guardas Municipais cientes das próprias atribuições vão poder colaborar de forma ampla e plena conosco, porque eu fiquei estarecido quando o amigo falou assim: Oh, por que você não vai multar o cara? Ah, mas eu não tenho nem instrução para isso. Mas como é que a principal função dele, ele não sabe. Quer dizer, é trágico para não dizer cômico.

Outra questão sobre segurança. Iluminação. A iluminação do bairro é importantíssima. Pode até ter o sonho de ter umas câmeras instaladas aqui, também. Por que não? Em alguns pontos estratégicos. Iluminação e câmeras instaladas. Tem experiências em cidades européias? A gente pode sonhar. Não tem problema. Então, tem essas iluminações e essas câmeras que reduziram cerca de 30% dos índices de assaltos e outros crimes afins.

O nosso amigo da segurança, o Edvan, levantou um negócio legal que é sobre o esporte. O esporte como inclusão social dentro da educação também, ele acaba esvaziando o movimento do tráfico. Então, aqueles garotos de 12 e 13 anos que acham que o futuro deles é ser o gente da “boca” para ganhar uma grana e estrutura etc, eles vão poder ter outras perspectivas e esvaziar o movimento do tráfico. Isso aí parece que é uma atuação bobinha, mas acaba com a força tarefa, os recursos humanos.

A assistência social, aqui, vai entrar no finalzinho da exposição, vou ser breve. É só para salientar a possibilidade de ter uma inclusão multidisciplinar. A assistência social seria um dos principais braços para fazer esta inclusão, para fazer essa comunicação entre os diversos segmentos, diversos setores.

Quanto à questão de geração de trabalho e renda, o nosso professor que teve que se ausentar, levantou a idéia de se acabar com a informalidade. Seria interessante, depois, ter uma *interface* com a (SIGIA) para poder conversar com pequenos e médios empresários, e também com grandes empresas, – por que não? –, para ter uma melhor orientação. Muitas pequenas e médias empresas não sabem que têm linhas de crédito e linhas de financiamentos e que, se isso chegar às suas mãos, eles vão poder ter abertura de novos empregos, vão poder fazer a inclusão social, vão poder fazer outras atividades que venham a somar com o poder público, que é até a própria ênfase, o próprio teor das parcerias público-privado, que, em princípio, elas defendem isso, mas não foram, ainda, instrumentalizadas, porque depende muito mais, a questão muito mais, a questão da informalidade e essas linhas de financiamento do Poder Público Federal, das Leis Federais, mas o Município pode fazer muita coisa a esse respeito. Agora, vou voltar aqui, para retomar e fechar, à questão da educação e assistência social. A educação, – tivemos aqui alguns itens: a falta de professores, a falta de atenção aos deficientes físicos, que faz o encontro com outros setores e, infelizmente, não é bem abordado. No Plano Diretor vai precisar disso, de ter um meio-fio mais baixo, uma rampa. Isso vai ser importantíssimo. Não tenho tanta ciência, tanta noção de Jacarepaguá. Queria, até, que o professor falasse rapidamente, – só uma questão de quantidade, para esclarecimento, 10%, 15% daqui de Jacarepaguá, se tem essa construção para deficientes? Não conheço muito bem.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Não, tem não. É precário.

O SR. MARCOS (RELATOR DO 4º GRUPO) – Então, vamos lá. Fazer programas, aí entra a ação social, para capacitação, alfabetização dos idosos, não só os idosos, mas outras pessoas, também, que não tiveram alfabetização, que não tiveram oportunidade. Então, acho que tem que haver uma parceria, uma facilidade de comunicação entre os outros segmentos, entre os atores sociais. Inclusive, importantíssimo salientar o projeto do nosso amigo Ivan Matos, que engloba um pouquinho de cada coisa, mas é uma coisa extensa, e, infelizmente, a gente não pode falar agora. Mas, ele vai mandar, por anexo, para *e-mail* do professor. E um instituto que poderia integrar tudo o que foi falado é o que foi batizado pela nossa amiga Ana Tereza e pelo professor Renato Torres, o “Centro de Integração em Diagnose.” Ao meu ver, funcionaria como o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social do Lula, que não funciona, inclusive. Mas, aqui, em nível municipal, em nível local, ele é muito mais fortalecido, e poderia ter muito maior efetividade a esse respeito. Então, convoco aqui a nossa representante do grupo, Ana Teresa, que vai falar só um pouco, para vir aqui para frente.

A SRA. ANA TERESA – A gente está na Educação há um tempo, não é, Vereador Prof. Célio Lupparelli? E a gente sabe que, na verdade, o que mais se gasta é dinheiro. Porque a gente fica assim: “não se investe, não se investe!” E a minha visão de Educação não é essa. A minha visão é de que se investe, mas não há uma articulação entre os setores, onde esse dinheiro entra. Então, eu invisto em Saúde, invisto em Educação, mas as pessoas não conversam. É igual na

família da gente, que um gasta de um lado e outro gasta de outro. Se você não fizer uma reunião e tentar articular as pessoas, e administrar esse gasto, ele é desviado. O que a gente pensou aluno tem que ficar na escola o dia todo, pelo menos por enquanto. A gente pensa, até, em uma coisa maior, em termos de Brasil. Não dá para pensar Município, sem pensar em Brasil. O dia que a gente tiver uma família estruturada, talvez, ele não precise. Mas, no momento, ele precisa ficar o dia todo. E se ele precisa ficar o dia todo, ele não pode ficar à toa. E se ele não pode ficar à toa, precisa ter profissional para trabalhar, e aí ele citou a questão de inclusão do deficiente. Exigir do professor que o aluno esteja em uma turma incluído é muito fácil, mas colocar o menino, lá, com um profissional não preparado para trabalhá-lo é demagogia. É o que acontece. Pega-se um aluno deficiente, seja qual for a deficiência. Aí, alguém falou muito bem que o aluno que não tem nutrição é uma deficiência alimentar. Ninguém fala disso. A gente fala da deficiência que é perceptível, a auditiva, a visual, a motora. Mas ninguém fala da deficiência maior, que é a deficiência nutricional. Então, a gente sugeriu, – quem sabe, a gente está sonhando assim com muitas ações – tem uma colega que é diretora de um Ciep que vivencia isso todo dia, a Simone. A Simone falou isso muito bem. Ela vive isso todos os dias, no Ciep perto da Vila Olímpica. O que acontece? A gente poderia, lógico, se a gente perguntasse, hoje, ao nosso Prefeito, – não é, Vereador Prof. Célio Lupparelli? –: há dinheiro para que cada escola funcione no horário integral e que tenha uma equipe multidisciplinar dentro dessa escola? Provavelmente a resposta é “não”. Mas a gente pode começar a fazer blocos. Eu posso ter 10 escolas, 20 escolas atendidas por um núcleo multidisciplinar. E, aí, a gente vai ter o fisioterapeuta tendo concurso, a assistente social voltando a ter concurso, o dentista, todos os profissionais que estão alijados, desempregados, quer dizer, tudo passa por aí. Eu adorei sua fala, rapaz, com simplicidade no falar! Eu queria aprender a ser mais simples assim mas, para simplificar, o aluno vem para a escola, faz o horário dele na escola, ele tem um cartão para ele e para o responsável, para circular nos ônibus, e ele vai a esse local onde tem uma equipe. Ali ele tem várias oficinas, eu já trabalho num pólo assim, que pode ser só ampliado, chama-se Pólo de Educação pelo Trabalho. Eu capacito aluno em Informática, só que ele encontra ali não só a minha oficina, o vídeo, a fotografia, mas ele encontra ali um dentista que pode estar atendendo e fora isso uma equipe multidisciplinar. Para encurtar, não é só para atender, é para diagnosticar e a partir daí, sim, criar Políticas Públicas. Por isso nós chamamos diagnose, porque eu escuto o pai, a mãe, o aluno.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) - Parabéns ao grupo. Obrigado, Ana Teresa. Sou suspeito para falar porque Ana Teresa trabalhou comigo mais de 10 anos, lado a lado, construindo uma escola que marcou época em Ricardo de Albuquerque.

Agora ouviremos Márcio Luís, Diretor da Federação dos Estudantes. Por favor, seja breve por causa do adiantado da hora.

O SR. MÁRCIO LUÍS - Só quero fazer duas considerações importantes em relação a esta Audiência Pública do Plano Diretor e saudar a iniciativa do Vereador Prof. Célio Lupparelli em convocá-la.

Eu queria fazer uma breve retrospectiva. Houve uma Audiência Pública do Plano Diretor em 2006, da qual participaram vários Vereadores; muitas propostas foram encaminhadas, e não sei o que aconteceu depois.

Em relação à Saúde, teve um rapaz que colocou a necessidade de se construir um novo hospital em Jacarepaguá. Aqui em Jacarepaguá há dois hospitais públicos, que estão em total precariedade, praticamente fechando, tanto que o Ministério Público já fez vistoria no local e disse: “Se a Prefeitura não fizer obra, vai ter de fechar”. Então, acho que, antes de se pensar em um novo hospital, temos de fazer uma campanha pela reforma dos hospitais e dos prédios atuais.

Em relação à Educação, a professora citou a questão do pessoal que quer educação especial, porque infelizmente não só o município, mas o estado e a União não têm uma política de educação especial. Por isso, fizemos uma campanha há algum tempo, juntamente com alguns parlamentares, dentre eles o Vereador Chiquinho Brazão, que fez um Projeto de Lei, fruto do desejo de várias mães e alunos, para se construir uma escola de educação especial em Jacarepaguá. Infelizmente, o projeto foi vetado. Então, é importante salientar isso.

Nós, da Federação dos Estudantes, estamos com uma campanha que já vem desde 1999 aqui em Jacarepaguá e na Zona Oeste pela criação de uma escola técnica e de um campus universitário. Então, estamos com um abaixo-assinado e com uma carta e solicitamos a assinatura da Associação de Moradores e das ONGs interessadas para podermos encaminhá-los tanto ao Poder Público Estadual quanto ao Poder Público Federal.

Para concluir, há muitos projetos cuja competência é do Prefeito, mas há projetos com financiamento tanto do Governo Federal quanto do Governo Estadual. Porém, penso que não está havendo diálogo entre o Governador Sergio Cabral e o Presidente Lula, porque, por exemplo, o Governo Federal vai construir várias escolas técnicas no Brasil em parceria com as Prefeituras. Várias Prefeituras não só do PT, mas do PSDB, PFL e outros partidos encaminharam projetos referentes às escolas técnicas, porque agora o MEC, assim como o Governo do Estado, quer implantar as escolas técnicas, tendo como ponto de partida o fato de a região ser um centro comercial e industrial, e Jacarepaguá é um centro comercial e industrial. Infelizmente, a Prefeitura do Rio de Janeiro não encaminhou projeto.

Então, é importante fazermos esta avaliação, porque, na verdade, tudo o que está sendo discutido hoje com o Vereador Prof. Célio Lupparelli e outros Vereadores, a Associação de Moradores e as ONGs os estudantes já vêm debatendo há uma década, só que não vem sendo cumprido pelo Poder Público.

Então, quem tiver interesse em assinar o nosso manifesto em defesa da escola técnica e da faculdade pública estou aqui à disposição.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) - Obrigado, Márcio.

Parabéns, é isso mesmo.

A SRA. PARTICIPANTE – Eu gostaria que fosse gravada aí alguma coisa, porque discutimos tantos problemas, mas nos esquecemos de falar sobre a Praça Seca. No momento em que falamos da reintegração do Bairro de Jacarepaguá como um bairro único, com toda esta força, incluindo Valqueire, a Praça Seca, para usar uma palavra, é emblemática para Jacarepaguá. Não podemos ver a depreciação da Praça Seca, como vemos. Eu gostaria que os poderes públicos dessem atenção especial à Praça Seca para que ela fosse reformulada e passasse a ser um ponto importante, característico do bairro.

Peço, então, um pouco mais de atenção para a Praça Seca, tudo o que se puder fazer por ela. Fica aqui o nosso pedido ao Vereador, também.

O SR. PRESIDENTE (PROF. CÉLIO LUPPARELLI) – Sabem que horas são? 13h. A que horas combinamos encerrar? Às 13h! Parabéns para nós. Todos somos muito competentes. Começamos, trabalhamos bem, levantamos muitas propostas. Sidney, Sérgio, Eliana, vejam como as pessoas... Temos de ter humildade para ver como as pessoas sabem tudo. Todo mundo sabe tudo. É só dar oportunidade para as pessoas falarem. Vocês sabem que aqui está uma pessoa que, antes de ser Vereador, é professor. Sou médico, mas sinto-me o Prof. Célio Lupparelli. O professor aprende a não mentir. Se você mente, fica complicado; as crianças e os jovens nos cobram. Então, por formação, a mentira não passa pelo nosso dicionário.

Vereador não faz; Vereador tem o papel de vocalizar isto aqui. Meu papel é este, o de mobilizar vocês, como se fosse uma enzima catalisando um processo. Vamos realizar no dia 4 de agosto nosso próximo encontro. Eu gostaria que viéssemos para cá com algumas coisas concretizadas, se Deus quiser. Vamos caminhando.

Vereador não faz; quem faz é o Executivo. Por coincidência, tenho uma aproximação muito forte com o Prefeito Cesar Maia e me orgulho disso. E claro que meus votos são das pessoas, amigos professores, mas o Prefeito me ajudou muito. Tem me ajudado muito. Tenho certeza de que algumas coisas vão acontecer. Não sei quais, mas vão acontecer. Algumas já estão acontecendo.

Eu gostaria que esta análise fosse feita com seriedade. Não saiam daqui imaginando que o Vereador, seja o Prof. Célio Lupparelli ou quem for, tem a capacidade de fazer obra. O que fazemos é forçar um processo. E, repito, como temos essa aproximação, acho que muitas coisas vão acontecer. Todas essas contribuições aquelas que estão lá nas cartolinas e estas, a Eliana vai ter um prazo para resumir além de preparar, junto com a D. Célia e o Fábio, as Indicações Legislativas. Todas serão encaminhadas à Mesa da Câmara e publicadas, assim como este programa. Cada item será transformado numa indicação legislativa, por setor. Para a Educação, o que foi pedido? Transporte, o que foi pedido? Encaminharemos ao Presidente da Câmara, que é obrigado a encaminhar ao Prefeito, que manda ao Secretário. E vem uma resposta, que leva um tempo, mas vem. Esse é o nosso papel. Além disso, através de “e-mails”, conversas, vou continuar levando ao Prefeito as reivindicações. Não pode acontecer o que disse o Márcio: “houve uma Audiência, e o que aconteceu?” Ele está dizendo o quê? Que não sabe do retorno. Esperamos, no dia 4 de agosto,

dizer a vocês: “Isto foi encaminhado, isto tem resposta, aquilo não tem resposta”. Esse é o papel do Vereador.

Tive participação na Vila Olímpica, quando era administrador regional. Disse ao Ruy Cezar: “Precisamos de uma Vila Olímpica.” Fui ao Sr. Macieira, que era Presidente da Rioarte, sendo o Secretário o Sr. Arthur da Távola. E ele disse assim: “Célio, vou fazer!” Eu era do Executivo e agora sou do Legislativo. Meu papel é levar, estimular, reclamar junto com vocês. Nada será feito por idéia própria, até porque Vila Olímpica, Lona Cultural e reforma da Praça Seca não foram decisões minhas, mas tiradas nas reuniões que fazíamos no Conselho Governo-Comunidade no Centro Cultural Prof<sup>a</sup>. Dyla Sylvia de Sá.

Acho que somos exitosos. No dia 4 de agosto, estaremos aqui de volta. Um abraço.

O ideal é mandar um “e-mail” para este endereço: [celiolupparelli@uol.com.br](mailto:celiolupparelli@uol.com.br) Esse é o meu de comunicação. Não tem prazo, é livre. À hora que o senhor mandar, estaremos trabalhando.

Muito obrigado. Bom final de semana a todos.

Está encerrado o Debate.

(PALMAS)

(Encerra-se o Debate Público às 13 horas)

## RELAÇÃO DOS PRESENTES

Odete da Silva Olívia, Aldenora da Silva Alencar, Edivan M. Fabiano, Sonia Maria Soares Rangel, Kleber Vieira, Aluizio Augusto Cunha, Josias Barbosa, Norma Cunha Osório, Elma Villaça, Cristina Duarte Lopes, João de Oliveira Torres Jr., Wellington Santos, Hermínia B. G. Paula, Carlos Alberto Fernandes Penha, Waldemar Costa, Carlos Augusto de Almeida, Claudio Calixto, Ivan Lara A. Santos, Márcio Gomes, Gilberto Gonçalves de Figueiredo, Antônio Carlos, Carlos Arthur, Fernando Cappella, Ruth Mendes, Carlos Ernesto de Castro, Eliana Zannini Ayres, Adonai A. Pereira, Marilea de Souza, Celia Maria de Souza, Armando Mario Machado, Ana Tereza, Maria da Penha Eiras Lobo, Omar Tavares Miranda, Sidney Menezes, Andre Luiz Gomes, Fatima da S. Arume, Ney Lopes Filho, Anatole Schiavo, Claudio Maciel, Márcia Garrido, Maria Jane Coutinho.